

*Apontamentos sobre o ensino de Filosofia e Teologia*

Prof. Ms. Celso Eduardo Santos Ramos.<sup>1</sup>

**Resumo:**

O presente artigo procura refletir sobre a importância do ensino filosófico e do ensino teológico para o contemporâneo diante dos enormes e complexos desafios que este tempo apresenta ao ser humano. Algumas considerações se referem ao estudo reflexivo das produções filosóficas e teológicas qualitativas a fim de evitar que se caia na armadilha do manual. Deste modo, tais disciplinas não se resumem a metodologias engessadas com resultados pré-estabelecidos, pois são aprendizados dinâmicos. Na verdade, faz parte do caráter destas formações a problematização cujo princípio é o de compreender a realidade a partir de elementos determinados, entre estes, a própria História. Diante de um tempo em que o consumismo e a velocidade das informações desprestigiam a ação reflexiva, fazer Teologia e Filosofia pode se revelar como uma experiência pessoal de fé ou como um estilo de vida; para ambos os casos, necessita-se de uma linguagem que possa traduzi-las. Será, então, na Filosofia que ferramentas teórico-conceituais serão encontradas para enriquecer e possibilitar uma tradução da experiência espiritual, por exemplo. Por outro lado, o estudo teológico, independente da fé, pode auxiliar nos caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico tendo em vista a busca por uma hermenêutica pontual.

**Palavras-chave:** Filosofia, Teologia, Ensino.

**Abstract:**

This article seeks to reflect on the importance of philosophical and theological teaching for the contemporary in the face of the enormous and complex challenges that this time presents to human beings. Some considerations refer to the reflective study of qualitative philosophical and theological productions in order to avoid falling into the trap of the manual. In this way, such disciplines are not limited to methodologies plastered with pre-established results, because they are dynamic learning. In fact, it is part of the character of these formations, the problematization whose principle is to understand reality from determined elements, among them, History itself. Faced with a time when consumerism and the speed of information discredit reflexive action, doing Theology and Philosophy can reveal itself as a personal experience of faith or as a lifestyle that need a language that can translate them. It will be, then, in Philosophy that theoretical and conceptual tools will be found to enrich and enable a translation of the spiritual experience, for example. On the other hand, the Theological study, independent of faith, can help in the ways for the development of critical thinking in view of the search for a punctual hermeneutics.

---

<sup>1</sup> Filósofo pela UFF, Mestre em Filosofia e Ensino – Cefet, RJ, Mestre em Ciência da Arte-UFF, Especialista em Educação – Cefet, RJ e Músico.

**Keywords:** Philosophy, Theology, Teaching

Ensinar os estudantes a filosofar é convidá-los a pensar por eles mesmos, sugerindo-lhes não esquecer, no momento de fazê-lo, certos dados que os filósofos, os cientistas, os artistas procuraram esclarecer e que dão à questão toda a sua complexidade como toda a sua dimensão. Ensinar a filosofar não é, então, apenas ajudar a tomar consciência das questões fundamentais em toda a sua amplitude, mas é, também sugerir elementos de solução; é elucidar noções ambíguas; é lembrar de modo pertinente a “demerche” de determinado filósofo no momento em que ele encontra uma questão claramente colocada para todos mas é sempre ajudar o estudante a ver mais claro em sua própria situação.<sup>2</sup>

O presente trabalho tem como objetivo apontar formas e caminhos para a introdução ao pensamento filosófico e à docência teológica em uma prática pedagógica sem abrir mão da reflexão a respeito desta ação. Entendemos, também, a importância de pensarmos tal questão relacionada ao ensino como um tema de pautas mais abrangentes frente ao cenário de reestruturações na ministração tanto da Filosofia quanto da Teologia.

Pensar especificamente nos ensinamentos filosófico e teológico é atentar para estruturas de formação social, pois é por meio da educação, na prática reflexiva, que se apresentam as possibilidades de transformação de uma dada realidade. Nesta perspectiva, como a Filosofia deve ser ministrada sem ser tratada como conhecimento teórico e amorfo? Como o aluno poderá se apropriar de conceitos filosóficos por meio de uma aprendizagem efetiva que realmente o leve a refletir sobre o entorno, mas que também o auxilie a aplicar estes saberes em sua vida? Sabemos que, na Filosofia:

Os procedimentos didáticos e os processos cognitivos presentes no ensino devem ser alvo de cuidados renovados por parte do docente; e por último, que a comunidade de ensino de filosofia não deve renunciar à ideia de identificar alguns mínimos aspectos de conhecimentos fundamentais a serem valorizados (...) didaticamente.<sup>3</sup>

Nessa perspectiva, então, observamos que é preciso coragem para ministrar uma aula de Filosofia em que o aluno consiga desenvolver um potencial prático-reflexivo a partir do conhecimento que adquire. Como afirma o Professor Ronai, a Filosofia não é composta por um conteúdo que se pode aprender de modo definitivo. Isso nos aponta para o caráter de aprendizado da proposta que não só é contínuo e permanente, mas

---

<sup>2</sup> LAGUEUX apud LORIERI, M. A. Filosofia: Fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2002, p. 54).

<sup>3</sup> RONAI. Pires da Rocha. Ensino de filosofia e Currículo. Santa Maria: Editora UFSM, 2015, p. 107.

interminável, tendo em vista que a Filosofia não se presta a dar respostas prontas, mas a pensar questões e dúvidas sobre a existência humana.

Então, devemos saber, antes de tudo, que para se obter uma aprendizagem significativa é preciso o contato estreito com o texto, desenvolvendo uma leitura acompanhada de contextualização. Essa leitura possibilitará ao/à estudante um caminho para a percepção de sua própria consciência, no lugar de apenas saber nomes e datas. Por analogia, nos voltemos à Teologia, sobre a qual direcionamos um olhar próximo deste dado aos estudos filosóficos.

Ao pensarmos sobre o campo de conhecimento da Teologia, não parece existir grande distinção no que se refere à metodologia de implementação de um ensino consciente que, ao mesmo tempo, considere os aprendizados e as contextualizações históricas sem as quais o aluno não obterá o resultado desejado, como, por exemplo, para a interpretação do texto bíblico, cuja premissa perpassa, necessariamente, o contexto social e histórico.

O que conhecemos como hermenêutica, pura e simples, não deve ser, de modo algum, abandonada, pois esta apresenta a possibilidade de descobrirmos elementos originários relacionados à produção do texto. Contudo, estes são complementos para as novas teorias sobre a leitura e os gêneros que se aplicam às estruturas internas do texto bíblico. O/a estudante de Teologia deve considerar os aspectos sociológicos e políticos, não só do seu próprio tempo, como os do tempo bíblico, considerando-se todas as especificidades textuais contidas nestes, tais como, a concepção da História, as referências novelescas, a poesia, a parábola, a escatologia, as narrativas de origem, dentre outras.

Haverá, inclusive, outras implicações – a partir destas leituras e interpretações – que precisarão ser cuidadosamente vistas, a fim de que o pensamento esteja pautado em fundamento sólido e robusto para as observações das proposições enunciativas do discurso baseadas em estruturas pré-estabelecidas. A amplitude interpretativa do texto bíblico deve aliar o Velho e Novo Testamentos, tendo, no Cristo, em sua encarnação, em seus ensinamentos, em sua morte e em sua ressurreição, a plenitude da mensagem cristã expressa no livro sagrado (no conjunto de livros que compõem a Bíblia), como um todo.

Deste modo, deve estar vinculada à base dos ensinamentos proferidos pelos profetas. Caso contrário, cada um se arvorará a uma visão distinta e pessoal sobre um mesmo texto gerando constatações múltiplas sem quaisquer comprovações. A comprovação teológica perpassa a História da fé, a tradição cultural relacionada à Igreja e o Espírito.

Guardadas as devidas proporções e especificidades, a Teologia, tal qual a Filosofia, não pode ser tratada como uma espécie de manual de procedimentos por meio do qual se adquire um resultado específico. Fazer Teologia não é fazer meditações bíblicas e espirituais, ainda que a atitude de construção do pensamento teológico possa andar junto à experiência com o sagrado. O estudo teológico necessita de um certo distanciamento para que o/a estudante entenda que o que será lido não é o caráter de Cristo, mas as possibilidades discursivas textuais e contextuais de textos diversos que envolvem não somente a pessoa do Cristo, mas a história de um povo, seus reis, seus profetas, suas memórias, seus mitos, suas tradições, entre outros fatos e eventos. A fé não precisa estar apartada da lógica bíblica, mas a lógica bíblica precisa contar com a razão. Desta forma, inclusive, muitos teólogos podem ser ateus. Por outro lado, homens de fé não necessariamente serão teólogos.

Nesta direção, compreendemos que a Teologia precisa ser entendida como um campo de conhecimento filosófico a partir do qual o sujeito pode fazer uma leitura de mundo, bem como ampliar suas possibilidades de ser-no-mundo, como nos ensina Claude Geffré em *Como fazer Teologia hoje*:

A teologia deve fazer tudo por melhor inteligência do crer Cristão. Mas ao mesmo tempo preservando sua originalidade irreduzível, ela não pode constituir um saber em ruptura com as novas aproximações científicas da realidade, aproximações que são menos saberes totalizantes do que empreendimentos de verificação e de produção de racionalidade.<sup>4</sup>

A importância de uma leitura comprometida com a realidade nos parece ser um incremento para a hermenêutica se considerarmos as mudanças de paradigmas apresentadas por estudos linguísticos que chamam a atenção para a realidade que a linguagem nos pode revelar ou ocultar. Deste modo, juntamente com Claude Geffré, afirmamos que “do ponto de vista da linguagem moderna, o homem, como sujeito da

---

<sup>4</sup> GEFFRÉ, Claude. *Como fazer Teologia hoje: Hermenêutica teológica*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1989, p. 28.

linguagem, desaparece em proveito de uma região muda, a das estruturas e a dos sinais dispersos que não reenviam uma significação global do mundo e do homem”<sup>5</sup>. A conjugação equilibrada entre uma teoria da leitura e uma hermenêutica, não dogmática, se apresenta como um possível caminho ao tratarmos do ensino teológico. Deste modo, não cabe, aqui, aprofundamento desta questão sobre a crise hermenêutica. No entanto, precisamos atentar para o fato de que os estudos na área da Filosofia da Linguagem irão impactar profundamente a Teologia, exigindo do e da estudante um entendimento em relação ao fato das palavras ganharem sentido dentro de um sistema que, por sua vez, é condicionado a um contexto histórico. O teólogo

Não pode deixar de considerar a linguagem do ponto de vista semântico. A linguagem não procede só de análise estrutural, mas também da fenomenologia na qual é apanhada novamente a intencionalidade significativa que preside o discurso.<sup>6</sup>

Ademais, a partir de uma perspectiva fenomenológica, entende-se que a experiência pessoal daquele que estuda Teologia deve ser elaborada pelo e pela estudante confirmando o que dissemos acima a respeito da área de conhecimento, ou seja, de uma possibilidade ou forma de autodescoberta, um meio de percepção sobre a sua própria condição de ser-no-mundo.

Geffré Gadamer refuta uma concepção subjetivista de compreensão do leitor, aquela compreensão a partir da qual o leitor deve entrar no mundo do autor para, então, entender aquilo que está no texto pela perspectiva do autor. Neste passo, percebemos que a sua metodologia procura considerar o texto a partir da ausência do autor e da presença de coautor, ou seja, o próprio leitor do texto. Isto porque, conforme as colocações de Gadamer, ainda que perguntássemos diretamente ao autor de uma obra o que ele quis dizer, certamente nos surpreenderíamos. Possivelmente ele mesmo (o autor) nos apresentaria outra versão de seu próprio texto. Diante dessa afirmação, o/a estudante de Teologia é convidado a se utilizar, também, do seu repertório sociocultural para transformar suas experiências pessoais com o sagrado em algo que seja traduzido em linguagem.

O teólogo deve criar, por isso, sua própria linguagem, tirando do bem onde encontrar e dedicando-se, com relação as linguagens científicas e filosóficas,

---

<sup>5</sup> GREFFÈ, 1989, p. 35.

<sup>6</sup> GREFFÈ, 1989, p. 45.

a uma verdadeira exploração para extrair delas termos, frases, contrastes, e até mesmo arquiteturas conceituais. Empregará todos esses elementos tomados de empréstimo para construir a sua própria linguagem, destinada a dar conhecer o mundo do homem de que falam a ciência e a filosofia como mundo de Deus.<sup>7</sup>

Do mesmo modo, ao falarmos da Filosofia, é necessário lançar um olhar a respeito da condição da mesma a partir do cenário atual, pois, durante muitos anos, a disciplina esteve fora da base curricular oficial em função de questões políticas.

A filosofia se vê rodeada de inimigos, a maioria dos quais não tem consciência dessa condição. (...) Ela é considerada perigosa. Se eu a compreendesse, teria de alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria de rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente.<sup>8</sup>

É sabido, por todos e todas, que o exercício da reflexão põe em jogo poderes instituídos, questiona o já feito e afronta ideias estabelecidas. Não é por acaso que essa matéria foi retirada dos currículos oficiais em um período em que a perseguição política não admitia espaços para debates, projetos ou opiniões contrárias ao sistema. Durante muitos anos, fomos destituídos e destituídas da liberdade de pensamento, gerando um vasto prejuízo para uma geração inteira. Somos conscientes de que ainda persistem as tentativas de exclusão da Filosofia dos currículos obrigatórios a fim de substituí-la por outras disciplinas supostamente mais “úteis” para o mundo.

Sabemos que o pensamento se desenvolve lentamente e necessita de tempo para amadurecer até que ganhe “corpo” e, então, um tanto quanto invisível, se torne ação e penetre nas relações sociais e nas instituições. A história humana, com o pensamento, apresenta algumas interrupções, e é importante que se diga que essas interrupções foram fundamentais para criar uma aversão ao exercício reflexivo ativo, aquele que, realmente, pensa a realidade como espaço para a ação. O que herdamos desses vazios foi a imagem do intelectual de gabinete afastado da realidade, um estigma que a Filosofia carrega frente aos e às estudantes e à sociedade como um representante de uma atividade improdutiva.

Além disso, somado a este fato, não podemos deixar de indicar a relação conflituosa existente entre pensamento e consumo. Em uma sociedade cada vez mais utilitária, como é possível coadunar o desenvolvimento de um pensamento reflexivo com a necessidade de produção desenfreada para o consumo imediato? Este é o desafio

---

<sup>7</sup> REFOULÉ, François. Iniciação à prática da Teologia. São Paulo: Ed. Loyola, 1992, p. 80.

<sup>8</sup> JASPERS apud FAVERO, 2002, p. 101.

daqueles que são responsáveis pelo trabalho com a Filosofia. Desta forma, qual é a pertinência de um ensino significativo? Não será possível esgotar o assunto, mas apenas apresentar indicações baseadas em experiências vividas sobre tal questão. A descoberta diária em sala de aula, a partir de cada nova pergunta ou a cada novo comentário dos e das estudantes, se revela como um aprendizado constante, pois é da dúvida que se retira o material para um novo passo.

Há apenas um único estudo realmente liberal, aquele que dá ao homem sua liberdade”, diz Sêneca, e nisso consiste o estudo da sabedoria. Sêneca continua seu argumento asseverando que somente esse tipo de educação desenvolverá a capacidade de cada pessoa para ser completamente humana, significando que ela é possuidora de consciência própria, de autocondução e da capacidade de reconhecer e respeitar a humanidade de todos os seus pares seres humanos, não importando onde nasceram, qual a sua classe social, não importando o seu sexo ou origem étnica.<sup>9</sup>

A despeito da realidade histórica no ensino da Filosofia e sua própria existência nos currículos oficiais, observamos a necessidade de pensar sobre a melhor maneira de apresentarmos, aos e às estudantes, uma introdução ao pensamento filosófico e suas origens. Para tanto, é preciso lançar mão de textos indispensáveis ao trabalho filosófico, levando em consideração o pensamento do educador Paulo Freire – em uma perspectiva muito particular – o qual o pressuposto está na “leitura do mundo” como texto.

Acreditamos que a aproximação de um dado texto, sem que se atente para o seu contexto, de nada adianta ao iniciante em Filosofia ou em Teologia, pois a contextualização histórica o auxiliará no processo de compreensão dos motivos pelos quais tal escritor-pensador veio a estabelecer determinadas relações de causa e efeito ou veio a estabelecer um sistema filosófico específico. Segundo Paulo Freire, “a insistência na quantidade de leituras sem o devido aprofundamento no texto a ser compreendido e não mecanicamente memorizado, revela uma visão mágica da palavra escrita, visão urge ser superada”<sup>10</sup>.

Isso posto, percebemos como é importante que o/a estudante de Filosofia valorize mais a qualidade da leitura do que a quantidade, procurando questionar os detalhes daquele texto em seus aspectos históricos e vocabulares, além de averiguar sobre os significados múltiplos dos termos apresentados e atentar às entrelinhas textuais. É

---

<sup>9</sup> RONAI, 2015, p. 94.

<sup>10</sup> FREIRE. Paulo. A importância do ato de ler. Campinas: autores associados, 1989., p. 12.

preciso, então, que nos lancemos na aventura do questionamento, alicerçados pelo contexto histórico, para que as possibilidades de uma reflexão relevante sejam, realmente, viáveis. Nesta medida, o professor que não se reconhecer como pesquisador-filósofo – ou seja, aquele que pensa o conteúdo e instiga o seu aluno à pesquisa – transmitirá, ao e à estudante, somente aquilo que já foi pensado a partir de um exercício pedagógico sem prospecção. De fato, trata-se de um desafio ministrar a disciplina de Filosofia, independente do grau escolar em que a ministração aconteça.

O que cabe ao professor é estimular a levar adiante este desafio. Filosofar, então, é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que se atrever a pensar, por que isso supõe uma maneira nova de se relacionar com o mundo e com os conhecimentos, e não meramente reproduzi-los.<sup>11</sup>

A tarefa de “filosofar” não se adequa ao institucionalismo, por isso, corre o risco de ser engessada, se transformando em apenas mais um discurso vazio (porque fora da sala de aula não traz vida!). Esse é um fator que exige sensibilidade do professor, pois o “filosofar” também exige do/da estudante um “deslocamento” do seu próprio tempo para ser capaz de se aproximar dos primeiros questionamentos. Um “descolar-se”, ainda, da própria realidade estabelecida como a conhecemos. Observamos, em muitos casos, que esse tem sido o motivo pelo qual muitos estudantes não se sentem “atraídos” ou “seduzidos” pela Filosofia.

Fazer didática da filosofia implica em ter uma noção sobre a natureza desse lugar para onde vamos quando nos distanciamos de nós mesmos. Precisamos, como professores de filosofia, ter uma ideia das técnicas que usamos para distanciar-nos de nós mesmos em um sentido não estritamente autobiográfico.<sup>12</sup>

Sendo assim, destacamos que não é possível estabelecer uma metodologia a ser aplicada para o ensino da Filosofia. Então, qual seria a maneira adequada de ensinar o aluno a “filosofar”? O que conseguimos observar é que o professor precisa, ele mesmo, ser um questionador-mediador e, a partir disso, construir a sua aula oferecendo ao e à estudante a possibilidade de participar desta construção.

O elemento decisivo é o fato de o professor reconhecer o aluno como parceiro de uma situação conversacional *sui-generis*. Os participantes da situação didática, professor e alunos, encontram-se em uma situação de igualdade assimétrica. Eu falo em “parceiros de conversa”, e isso pode soar estranho. Com essa expressão, quero chamar atenção para um fato aparentemente banal:

---

<sup>11</sup> (CERLETTI apud KOHAN, KOHAN, W. (Org). **Filosofia; caminhos para o seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&.A, 2004, p. 30

<sup>12</sup> RONAI, 2015, p. 117.

o aprendizado em sala de aula acontece em um meio de comunicação oral; o professor cumprimenta os alunos, expõe objetivos da aula, discorre, pede que eles façam isso ou aquilo. Assim na situação didática, temos seres humanos em intercâmbio conversacional, o que implica, em algum sentido, a noção de parceiro de diálogo.<sup>13</sup>

## Considerações finais

Nesta proposta, procuramos pensar sobre a melhor forma de fazer uma introdução ao estudo da Filosofia bem como da Teologia. No entanto, nos deparamos com alguns pontos significativos para que um aprendizado, de fato significativo, ocorra. Dentre esses pontos, destacamos a disponibilidade do/a estudante e seu comprometimento com o estudo. Por outro lado, também destacamos o descrédito que matérias como a Filosofia encontram em nossa sociedade e sua resistência a uma autocrítica.

Uma civilização marcada pela mentalidade técnico-instrumental dificilmente consegue perceber a importância da filosofia no mundo de hoje. Nossa sociedade e nossa cultura costumam considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata.<sup>14</sup>

## No que se refere à Teologia;

O advento da sociedade burguesa liberal, na época da Aufklärung, coincide com uma secularização cada vez maior da inteligência. A cultura burguesa se alicerça sobre dois grandes valores: a liberdade e o sentido da consciência individual. É a época da crítica e da autonomia. A religião deixa de ser uma “estrutura de plausibilidade” socialmente reconhecida por todos. Torna-se, então, objeto livre escolha. Ficando a pessoa diante de uma pluralidade de opções por este ou aquele sistema de valores ou ideologia.<sup>15</sup>

Destacamos, assim, pelo menos, três pontos importantes. Em primeiro lugar, é preciso que o/a estudante tenha um desprendimento intelectual, se deslocando dos problemas mais imediatos para compreender melhor um conceito ou um pensamento desenvolvido, a partir da própria realidade. Em segundo lugar, a leitura filosófica ou teológica deve ser feita priorizando-se a qualidade e não a quantidade, com o aprofundamento em textos fundamentais que aliem a produção histórica com a reflexão atualizada, para ser mais produtivo. Observa-se a não exigência em “se adequar” à teoria posta, mas a de refletir sobre os pontos desenvolvidos – no caso bíblico, com o auxílio

---

<sup>13</sup> RONAI, 2015, p. 124.

<sup>14</sup> FÁVERO. Altair Alberto. Um olhar sobre o ensino de filosofia. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002, p. 100.

<sup>15</sup> REFOULÉ, 1992, p. 93.

dos princípios já defendidos sobre pontos determinados. Identificamos, ainda, em Paulo Freire, uma forma de leitura que leva em consideração a interpretação de mundo pelos contextos variados.

Por último, olhamos para o professor e entendemos que o seu comprometimento com a construção incessante das circunstâncias para a reflexão deve ser, também, uma condição para que o conhecimento seja desenvolvido sob a postura de um pesquisador. É nessa situação de exigência de uma crítica radical que se insere o professor de Filosofia e o professor de Teologia. Estes se configuram como mediadores do processo de conhecimento, possibilitando a construção da consciência crítica nos educandos. Isso implica a uma permanente atitude de estudo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CERLETTI, A. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, W. (Org). **Filosofia; caminhos para o seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- FÁVERO. Altair Alberto. **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.
- FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler**. Campinas: autores associados, 1989.
- GEFFRÉ. Claude. **Como fazer Teologia hoje: Hermenêutica teológica**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- LORIERI, Marcos Antonio. **Filosofia: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- REFOULÉ. François. **Iniciação à praticada da Teologia**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.
- RONAI. Pires da Rocha. **Ensino de filosofia e Currículo**. Santa Maria: Editora UFSM, 2015.